

O provincianismo resiste

Angélica Torres Lima

Concebida para cumprir uma vocação grandiosa no contexto da cultura nacional, Brasília vive hoje entre a realidade de ter ficado aos trapos como proposta, a partir do golpe militar em 64, quando tinha só quatro anos, e o fascínio que consegue exercer, já quase balzaquiana, como espaço habitável aos que a trocaram por sua terra natal. É uma província pronta para exercer um papel cultural inevitavelmente original. Ninguém nega que ama Brasília como cidade — sua exuberância arquitetônica e a sutil plasticidade natural da região, além das facilidades que nenhuma cidade grande oferece.

Mas também todos dizem que para permanecer nela é preciso uma dose elevada de heroísmo que, na verdade, é uma prova de amor e uma questão de fé, num reencontro futuro de sua vocação original. Esta reflexão sintetiza o pensamento de cinco artistas significativos, três deles na cidade desde os anos 60, com idas e vindas (o fotógrafo Luiz Humberto, o cineasta Geraldo Moraes e o artista plástico Evandro Salles). E dois, o músico Renato Vasconcelos e o ator, coreógrafo e diretor teatral Hugo Rodas, que chegaram em Brasília na década de 70. Ser ou não ser provinciano é uma das questões fundamentais que permeiam a discussão dos artistas sobre o "fazer cultural" brasiliense.

No princípio, era um camping

"Liquidados os referenciais de quando Brasília era mais acampamento do que cidade, restou uma população jovem, impossibilitada de crescer sozinha e o provincianismo passou a ser orgulho. Sem dúvida que houve resistência, ótimo tudo o que se conseguiu, mas o convencimento é exagerado", analisa o fotógrafo Luiz Humberto, 53 anos, diretor do Departamento de Comunicação da UnB e ex-diretor da Fundação Cultural.

De 64 para cá, ele destaca, como heróicos, o teatro e a dança que "lutaram muito, mas isolados do país e com magro apoio da platéia local. Faltou uma crítica consistente. Como se esqueceram de reprimir a escola de música, a área musical cresceu", diagnostica Luiz Humberto.

Com uma visão adquirida na prática da diretoria da FCDF, Humberto crítica o governo que "faz uma cultura de condecorações e tombamentos", tornando Brasília "um grande monumento funerário em cada canto, cheia de liturgia duvidosa. Fazer cultura é sobretudo criar o país, criando base de experimentação e ampliando o número de espetáculos variados".

Ele lembra a grande má vontade que São Paulo e Rio

têm para com Brasília pelo deslocamento do centro político, afirmando que "queríamos trazer referências nacionais, para uma gente que está em formação". Chama atenção também para a rudeza da cidade com relação aos seus "filhos mais qualificados", citando os artistas plásticos Athos Bulcão e Ruben Valentim, como "meztres que optaram por viver aqui e que têm que ser respeitados".

Da diluição do movimento como um todo, ele destaca alguns momentos significativos da cultura brasiliense: a prefeitura de Plínio Catanhede, "que deu feição mais humana à cidade"; a UnB; o movimento Cabeças, de Néio Lúcio; o projeto cultural de Maria Duarte, no Sesc e o de Michel Hospital no auditório da Aliança Francesa; a proposta revolucionária na área médica do hospital Sarah Kubitschek; e figuras como o poeta Teté Catalão, o arquiteto Lelé e o cineasta Vladimir Carvalho.

Cidade hostil
Luiz Humberto integra o elenco de fotógrafos que deu à arte da fotografia um caráter próprio, no cenário nacional dos anos 70. Quis voltar para o Rio, em 65, mas retornou no mesmo ano; preferiu pagar o preço do sossego e não se queixa, porque a UnB é um projeto importante em sua vida. Mesmo gostando de Brasília ele está pensando em se mudar daqui por uns tempos, "porque a cidade está cada vez mais hostil".



Renato: "Me sinto melhor aqui do que em qualquer outro lugar"

A leitura é de segunda mão

Com 16 anos de vivência em Brasília, alternados por outros tantos vividos no Rio, Evandro Salles, 32 anos, se ressentia da dificuldade de crescer aqui enquanto artista, alegando que "não há mercado nem reflexão estética. Em Brasília, não é possível ser artista erudito", frisa. O isolamento da informação do que acontece no universo das artes plásticas no Brasil poderia ser suprido pela UnB, em contato com outros centros, mas não acontece.

O provincianismo é uma marca forte na produção plástica da cidade, segundo ele. Mas admite que já surge uma nova geração de artistas com linguagem mais madura, citando como exemplos o trabalho de Elder Rocha Filho, o de Wagner Hermuche em vídeo, o de Nelson Maravalhas e o do uso do espaço da cidade por Luiz Girafa. Destaca também a galeria Espaço Capital como a única com uma programação de boa qualidade.

Burocratas não
O diagnóstico da situação precária das artes plásticas, traçado por Evandro, esbarra nos responsáveis pelas instituições culturais, "que deviam ter visão mais audaciosa, para romper com a sina burocrática e com a política de repartição pública que marca a arte de Brasília. Desacreditada por incapacidade de suas lideranças, as instituições não conseguem atrair nomes representativos e os eventos não dão visão abrangente da produção nacional de arte" — avalia.

O resultado, segundo ele, é que, enquanto Rio e São Paulo fazem uma sub-leitura do que ocorre no mundo, Brasília faz a sub-leitura desta sub-leitura, "quando devia sediar um grande número de eventos internacionais, que é sua vocação". Apesar de sua forte ligação com o cerrado, pois foi criado aqui, Evandro pensa em voltar para o Rio, onde desenvolve trabalho no Parque Lage. No entanto, apesar dos problemas apontados, ele tem fé na abertura de uma nova etapa no processo da cultura brasileira, a partir do campo de criação que é Brasília.

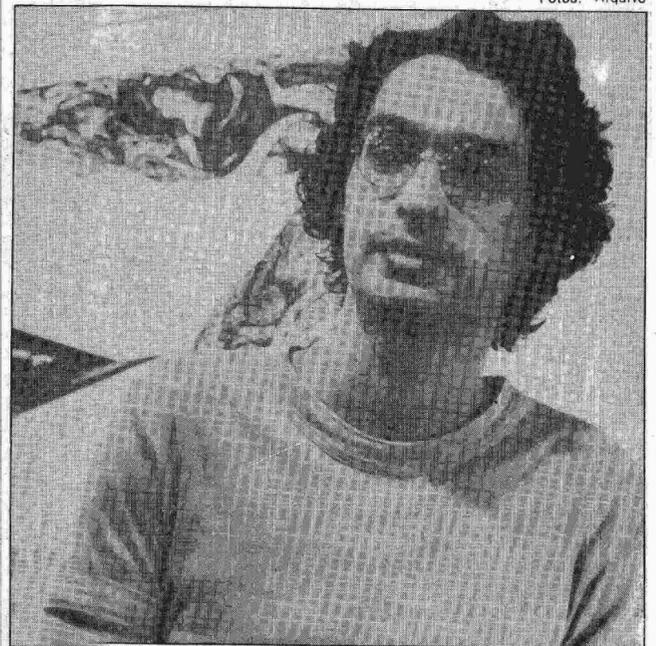
Sucesso raro
Já o tecladista Renato Vasconcelos, 29 anos, autor do "hino brasiliense". Suite

Brasília, conseguiu se fixar na capital e usufruir do mercado nacional de música. Quando, em 82, estabeleceu contatos com o meio artístico do Rio o que lhe rendeu o acompanhamento de Beto Guedes, Maria Bethânia e Sandra Sá, com bom efeito na noite carioca.

Ele também se ressentia do despreparo da maioria dos profissionais de Brasília, "onde os serviços são uma picaretagem, presente também na área artística". Mas dá o desconto: "é compreensível, porque a cidade é muito nova". Além do prazer de morar aqui, ele se sente atraído pelo lado místico, "uma coisa sensível no ar, que vale a pena fazer um investimento futurista, pois quem planta aqui há de colher. Fora está tudo saturado".

Renato entende o fenômeno roqueiro de Brasília como um gesto contestatório da juventude "que teve que criar coisas, se ocupar". Como os filhos da burguesia podiam comprar guitarras e sendo o rock matéria de fácil comercialização, o resultado foi o nascimento de grupos de qualidade como o Legião Urbana e o Capital Inicial. Segundo ele, esses grupos contribuíram para fomentar a vocação musical da cidade, eventos como o Concerto Cabeças — cujo primeiro acorde musical, no Natal de 78, foi do grupo Chacras, a que ele pertencia —, as Feiras de Música do Pré, os festivais do Elefante Branco e a Funarte.

Melhor aqui
Nomes importantes que cita da história musical da cidade são: Renato Mattos, "um dos artistas mais genuinamente brasilienses", e Oswaldo Montenegro, que tem um trabalho de valor, além do saxofonista Piriquito, que hoje toca com Djavan. Renato Vasconcelos não pensa em sair de Brasília "estou melhor aqui do que estaria em qualquer outro lugar".



Evandro: "Ainda não há mercado ou reflexão artística"

A real síntese do nacional

O teatro e o cinema brasilienses contam com dois grandes apaixonados pela cidade: o cineasta Geraldo Moraes e o ator diretor e coreógrafo Hugo Rodas. Ambos têm aversão ao rótulo de "provinciana", dado à produção cultural de Brasília, com uma conotação pejorativa.

"Está na hora de considerar 'in' o provinciano, porque o que nos manteve à margem do mundo foi termos nos transformado em colônia", brada Geraldo, 48 anos, diretor do CPCE (Centro de Produção Cultural e Educativa da UnB) e dos filmes A difícil viagem e O círculo de fogo.

Geraldo, que se diz "goiúcho" (mistura de goiano com gaúcho), entende que o fenômeno do regionalismo nascido em Brasília é a resposta espontânea encontrada na sociedade brasiliense e na sua produção cultural, para a grande centralização que marcou os anos da ditadura. Segundo ele, um fato cultural importante que passa despercebido dos analistas é que para o Centro-Oeste estão convergindo pessoas do país todo, dando contribuição política, social e cultural que apenas começa a ser a síntese do que se poderia chamar de nacionalidade brasileira.

Fato criado

"Se a Ilha da Democracia Social ficou na utopia, por baixo, a democracia cultural brasiliense é fato criado por uma mistura incrível, que não vem estratificada".

Para ele, o cinema daqui tem a sorte de estar no local onde acontece a mescla dos regionalismos e alerta: "Quem faz cinema aqui tem que estar à

altura, porque a temática é virgem".

"Meu lugar é aqui, onde me sinto mais gente", afirma convicto. Para ele, Brasília é profunda para o autoconhecimento, por ser uma cidade que se questiona, além de não ter laços; "é uma cidade sem sogra, você constrói suas relações".

Hugo Rodas, 48 anos, uruguaio, em Brasília desde 75, diz que odeia quando intelectuais falam mal da cidade como se ela estivesse fora do eixo. "A produção pode ser mal vista pelos críticos, mas o que o eixo manda é de nível miserável", rebate. "Temos um movimento aqui e gostamos do que fazemos", afirma, citando como de bom nível as peças Caso Greta, Rei da Vela e Senhora dos Afogados (86), além de citar o trabalho da bailarina Eliana Carneiro, como de grande valor.

Ele se queixa da atitude depreciativa com relação à produção brasiliense, apontando ainda um movimento forte, de visão autêntica, na área do cinema e das artes plásticas, destacando os nomes de Eduardo Carrera e Sonia Paiva. O amor de Rodas por Brasília foi à primeira vista. Escrevia ao pai: "Estou apaixonado; moro numa cidade de 15 anos. Me sentia dando educação para ela e ela me dando potencialidade, me ajudando a descobrir meu próprio eixo, ao mesmo tempo que me levando a conhecer todos os extremos da razão à loucura".

Rodas morou dois anos em São Paulo e acabou voltando. "Há algo mágico em Brasília, a Praça dos Três Poderes, meu deus, parece praça de Kriptoni! Me senti um menino".



Luiz Humberto: "Faltou uma crítica mais consciente"



Moraes: "Está na hora de considerar 'in' o provinciano"